

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GERSON GRAFF

A EDUCAÇÃO FÍSICA E OS JOGOS COOPERATIVOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES
NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

MATINHOS
2011

GERSON GRAFF

A EDUCAÇÃO FÍSICA E OS JOGOS COOPERATIVOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES
NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de especialista.

Orientador: Gabriela Schenato Bica

MATINHOS
2011

A EDUCAÇÃO FÍSICA E OS JOGOS COOPERATIVOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Gerson Graff¹

Gabriela Schenato Bica²

RESUMO

Este artigo tem como tema os Jogos Cooperativos como forma de amenizar a violência que está sendo constatada em muitas escolas e no seu entorno. De modo geral, pretende-se mostrar que com o desenvolvimento de Jogos Cooperativos nas aulas de Educação Física pode-se colaborar para que problemas como a violência, a falta de colaboração, perspectiva de vida, bem como a falta de respeito para com os colegas e para consigo mesmo, venham a diminuir na população do escolar, principalmente a do campo. O objetivo deste estudo é um dos primeiros passos em direção ao que se pretende, isto é, verificar como os alunos reagem em relação às atividades e jogos cooperativos que podem ser desenvolvidos nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Escola; Educação Física; Jogos Cooperativos.

INTRODUÇÃO

No mundo moderno em que vivemos, de um lado nos deparamos com a figura do homem quase analfabeto ou analfabeto funcional, e de outro, com homens intelectuais e com grande grau de conhecimento. Entre eles, podemos observar pessoas em diversas localidades e classes sociais vivendo entre essas duas situações. Nesse meio termo, existe uma diversidade imensa de seres, que aqui podemos citar, desde o analfabeto, que vivem em um mundo que se diz civilizado, e que possui ou não conduta cooperativa conquistada pela sociedade moderna e principalmente no campo, até aqueles seres humanos que tiveram uma boa educação, e que apresentam ou não progressos em seus relacionamentos de formas nobres para uma boa

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Foz do Iguaçu, e-mail:gerson40graff@hotmail.com

² Educador Orientador, UFPR Litoral

convivência com os outros e consigo mesmo mas, muitas vezes, de forma não cooperativas.

Na diversidade cultural e educacional encontrada em nossa sociedade, cada um vem agindo conforme seu tipo de vida e a possibilidades de sobrevivência. Em todos os seres humanos, as questões relativas à elevação moral e intelectual são muito diferentes. A dinâmica social, dessa forma, refere-se ainda com a conscientização de cada ser humano relacionada à aceitação desse modo de ser e as diferenças existentes entre o homem que vive na cidade e o que vive no campo, como ele se apresenta e da necessidade da convivência entre eles, de modo que seja observada também a aceitação de si próprio, como forma de progresso individual e coletivo no convívio em sociedade.

Não podemos determinar as condutas ou atitudes das pessoas, mas, partindo da conduta ou atitude de cada um, de acordo com sua vivência e principalmente no local em que vive, surgirão normas ou comportamentos adequados para uma relação interpessoal onde estão presentes os valores humanos como a cooperação, o respeito, a solidariedade e a fraternidade, possibilitando a formação de pessoas conscientes de si própria, e da importância de seu papel na sociedade, vivendo as diferenças e necessidade delas, num plano de igualdade, buscando alcançar êxito em termos de aprendizagens, cooperação e aquisição do desenvolvimento desses valores. Dessa forma, melhorando o ambiente social e familiar, gerando um bem-estar para todos com base nos princípios que regem a ação cooperativa.

A inclusão é um processo de compartilhamento de ações, onde os resultados apresentam-se de forma benéfica a todos os envolvidos, com disseminação destes valores no âmbito da cooperação, o que a torna de sua importância no contexto escolar.

Segundo Broto, (2001, p. 31),

desmistificar a competição e ritualizar a Cooperação pode nos ajudar a enxergar com novos olhos, as velhas paisagens. E, desse modo, quem sabe, possamos descobrir novas passagens e “sacar” um jeito diferente de praticar o Jogo da Vida.

Sendo assim, o este trabalho com ações cooperativas vem tentar mostrar outra forma de convivência, fazendo com que os alunos venham a cooperar mais com a comunidade em que vivem, deixando de lado o pensamento de que temos que aproveitar a vida só agora, neste momento. Tentar mostrar o amanhã com responsabilidade, como uma construção coletiva e possibilidade de melhorar nosso círculo da amizade, nosso colégio, nossa comunidade, pois, com a cooperação de todos, conseguiremos melhorar nossa vida e a de muitos que estão ao nosso redor. O conhecimento adquirido de forma diferenciada (com colaboração/ajuda e reflexão) entendendo a situação social encontrada, faz com que a união do grupo se fortaleça e faça as reivindicações necessárias a comunidade. Mas, é a construção do conhecimento que pode levar a verdadeira libertação/liberdade. É o conhecimento que possibilita argumentar em qualquer situação, e não ser enganado. E é um grupo cooperativo e reflexivo que normalmente chega ao conhecimento com mais facilidade.

Devido a falta de verdadeiras amizades nas escolas, amizades estas que só querem tomar proveito das situações, a falta de perspectiva de vida dos jovens que estão em nossos bancos escolares, a falta de respeito com eles próprios e com as pessoas mais velhas, falta de responsabilidade, a grande quantidade de jovens mortos, e a violência exacerbada e sem controle, procurou-se encontrar outras formas de ações que tentam mostrar, posso dizer, o contrário do que se percebe no colégio e na sociedade. E essas ações, podemos observar em algumas abordagens mais recentes da Educação Física Escolar, como as com conotações críticas, cooperativas, integrativas e para todos (inclusivas). Dessas, a abordagem dos jogos cooperativos, pelo que conheci, aproxima-se mais diretamente dos problemas anteriormente citados.

Assim tivemos como objetivo verificar se as ações cooperativas podem colaborar, para que situações como a violência, a falta de colaboração, perspectiva de vida e a falta de respeito possam ser amenizadas ou revertidas. Verificar se os jogos cooperativos melhoraram o relacionamento, o respeito e a colaboração ajudando a diminuir a violência.

EDUCAÇÃO NO CAMPO

A Educação no ou para o campo passa por um período de mobilização muito grande para se superar conceitos estabelecidos há muito tempo de preconceitos e injustiças de que ela seja apenas um deslocamento dos conteúdos da cidade para o campo. Há a necessidade de se olhar com outros olhos para o campo deixando de lado aquela visão de quem mora no campo é um povo de menor valor, sem conhecimento e sem sabedoria ou atrasado.

A escolarização oferecida para população do campo, na maioria das cidades é no perímetro urbano e geralmente é localizada nas periferias, com pouca ou sem nenhuma estrutura, associada a um sistema precário de transporte de estudantes, o que desmotiva completamente a educação do jovem do campo.

De acordo com os Cadernos da SECAD ,2007 pág. 13 pode inferir o seguinte:

No paradigma da Educação do Campo, para o qual se pretende migrar, preconiza-se a superação do antagonismo entre a cidade e o campo, que passam a ser vistos como complementares e de igual valor. Ao mesmo tempo, considera-se e respeita-se a existência de tempos e modos diferentes de ser, viver e produzir, contrariando a pretensa superioridade do urbano sobre o rural e admitindo variados modelos de organização da educação e da escola.

Esse pensamento tem como orientação o cumprimento do direito de acesso universal à educação e a legitimidade dos processos didáticos localmente significados, somados à defesa de um projeto de desenvolvimento social, economicamente justo e ecologicamente sustentável.

AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO

Nas aulas de Educação Física os professores podem ajudar no processo da formação integral do ser humano, devendo estar presente o compromisso com o projeto geral de formação do indivíduo que vive em sociedade. Isto é importante para atitudes respeitadas, aceitação da diversidade entre nós, mantendo sempre um bom relacionamento em nosso cotidiano, para que seja

atingido o potencial como um ser humano crítico, autônomo e que mantém um convívio social pautado nos valores da cooperação social.

Para Brotto (2001), através dos Jogos Cooperativos, novas possibilidades no processo de educação do ser humano, priorizando o jogo e o esporte, agregados a valores, princípios e modos de comportamentos, podem ser desenvolvidos.

A partir da consciência de cada indivíduo sobre essas questões, será possível a diminuição da violência através da organização de grupos pautados no crescimento da afetividade e da administração de confrontos em nosso meio social, estimulando o convívio com a diversidade.

Diversos autores manifestam opinião a respeito da importância da Educação Física somente como se fosse uma questão de preparação física, de prática esportiva, de prevenção da saúde, de hábitos de higiene, como o desenvolvimento de um corpo sadio, de aspectos psicomotores, recreativos, de lazer. Somente numa dimensão meramente motriz, restringindo, assim, os movimentos enquanto expressividade humana. Entendo ser essa visão um princípio que diminui a importância da Educação Física.

A Educação Física não pode estar na escola para suprir um espaço vago, nem tampouco apenas relacionar a atividade física à saúde ou aos cuidados com o corpo ou a alimentação, a diversão e ao tempo livre, mas, expandir seus conhecimentos aos diversos setores da formação social em que vivemos, como a cultura, o processo de humanização do trabalho, a solidariedade, a capacidade crítica do indivíduo, no poder de combater à violência social, no cumprimento do dever moral da sociedade em que vive, na responsabilidade social, no exercício da cidadania de forma plena e na construção de um processo histórico.

O conhecimento adquirido traz a consciência, a possibilidade crítica dessa disciplina, observando o seu caráter socializador. Mesmo com nível de consciência maior, ainda nos deparamos no momento das aulas com a falta de vontade para as atividades, o desrespeito à individualidade, enfim, a falta de cooperação para realizar as atividades.

Nas atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física queremos evidenciar a cultura cooperativa. A introdução de ações cooperativas poderá gerar a não aceitação das atividades, uma vez que se condicionou que a

competição é o melhor caminho para a educação. Mas, segundo Soler (2002), a competição em suas formas extremas torna todos perdedores. A competição diminui a auto-estima, e aumenta o medo de falhar. Um ambiente competitivo aumenta a frustração e pode desencadear comportamentos agressivos. Orlick (1989) explica que a obsessão dos adultos pela vitória pode destruir o ingrediente mais importante de todos para o desenvolvimento das habilidades da criança, o lúdico.

Esses fatores favorecem a exclusão dos alunos que não tem boa habilidade, renunciando o trabalho coletivo e cooperativo daqueles outros que se acham o “dono da bola”, como se a Educação Física fosse feita única e exclusivamente para eles, e se impõe sobre os demais não deixando os outros participarem. Não podemos privilegiar a aula para os mais habilidosos em detrimento dos menos habilidosos. As aulas de Educação Física devem se desenvolver com a participação de todos, pois suas atividades não podem se restringir apenas às práticas corporais, mas vislumbrar a enorme riqueza das manifestações culturais e corporais produzidos para além do movimento corporal.

Sobre esse assunto, Brotto (2002, p. 5) é de opinião que

podemos aprender que o verdadeiro valor do Jogo e do Esporte, não está em somente vencer ou perder, nem em ocupar os primeiros lugares no pódio, mas esta também e, fundamentalmente, na oportunidade de jogar junto para transcender a ilusão de sermos separados uns dos outros, co-evoluídos para a experiência de jogar e viver em comum-idade.

Estas aulas devem oportunizar o entrosamento e a participação de todos os alunos, levando-os ao conhecimento de si próprio, do respeito mútuo com os colegas e outros integrantes da comunidade escolar e de toda sociedade, atingindo o seu potencial maior na cooperação, e desta forma, assumir uma postura onde o companheirismo, a amizade, o trabalho de equipe sejam valorizados e estejam presentes em todos os momentos, reconhecendo o próximo como extensão de si mesmo, entendendo as suas próprias limitações e a do outro, provocando uma aproximação entre os indivíduos e

conseqüentemente, uma troca de experiências, emoções e por que não falar em uma vivência.

As exigências não estão direcionadas apenas ao professor, ou a um determinado grupo, que, por questões culturais ou de status impõe suas idéias, métodos e determinados comportamentos. As exigências são o diálogo, o compromisso, o interesse, a responsabilidade de todos e entre todos. Os momentos pedagógicos exigem agir de forma consciente, debatendo idéias, evitando rivalidades, assumindo nossas qualidades e defeitos. A atitude do professor é de fundamental importância neste contexto, pois é ele quem deve mediar, porém, não poderá haver mudanças significativas de comportamento se o professor não valorizar este momento tão importante na capacidade que o aluno tem de pensar, interagir e se relacionar com os colegas no meio escolar e fora dela.

Nenhuma inovação será produtiva se não houver o envolvimento de todos, permitindo que seja formado um ser voltado a iniciativas que contemplem os valores humanos em busca da cooperação, aprendizagem e auto-realização, pautando uma sociedade na consciência de seus direitos e deveres e na existência de um ser crítico e humanitário.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES

A seguir será apresentado um breve exposição sobre os conteúdos estruturantes, dando ênfase nos conhecimentos básicos (jogos e brincadeiras) dessa intervenção.

Nas Diretrizes Curriculares de Educação Física, os Conteúdos Estruturantes foram definidos como os conhecimentos de grande amplitude, conceitos ou práticas que identificam e organizam os campos de estudos de uma disciplina escolar, considerados fundamentais para compreender seu objeto de estudo/ensino. Constituem-se historicamente e são legitimados nas relações sociais.

Os Conteúdos Estruturantes da Educação Física para a Educação Básica devem ser abordados em complexidade crescente, isto porque, em cada um dos níveis de ensino os alunos trazem consigo múltiplas experiências

relativas ao conhecimento sistematizado, que devem ser consideradas no processo de ensino/aprendizagem.

A Educação Física e seu objeto de ensino/estudo, a Cultura Corporal, deve, ainda, ampliar a dimensão meramente motriz. Para isso, pode-se enriquecer os conteúdos com experiências corporais das mais diferentes culturas, priorizando as particularidades de cada comunidade.

A seguir, o Conteúdo Estruturante jogos e brincadeiras será tratado sob uma abordagem que contempla os fundamentos da disciplina, em articulação com aspectos políticos, históricos, sociais, econômicos, culturais, bem como elementos da subjetividade representados na valorização do trabalho coletivo, na convivência com as diferenças, na formação social crítica e autônoma. Os Conteúdos Estruturantes propostos para a Educação Física são os seguintes: Esporte, Jogos e brincadeiras, Ginástica, Lutas e Dança.

JOGOS E BRINCADEIRAS

Nas Diretrizes, os jogos e as brincadeiras são pensados de maneira complementar, mesmo cada um apresentando as suas especificidades. Como Conteúdo Estruturante, ambos compõem um conjunto de possibilidades que ampliam a percepção e a interpretação da realidade.

No caso do jogo, ao respeitarem seus combinados, os alunos aprendem a se mover entre a liberdade e os limites, os próprios e os estabelecidos pelo grupo. Além de seu aspecto lúdico, o jogo pode servir de conteúdo para que o professor discuta as possibilidades de flexibilização das regras e da organização coletiva. As aulas de Educação Física podem contemplar variadas estratégias de jogo, sem a subordinação de um sujeito a outros. É interessante reconhecer as formas particulares que os jogos e as brincadeiras tomam em distintos contextos históricos, de modo que cabe à escola valorizar pedagogicamente as culturas locais e regionais que identificam determinada sociedade.

Brotto, (2001, p. 05) afirma que

o jogo é tão importante para o desenvolvimento humano em todas as idades. Ao jogar, não apenas representamos simbolicamente a vida, vamos além. Quando jogamos estamos praticando, direta e profundamente, um Exercício de Co-existência e de Re-conexão com a essência da Vida.

Nessa direção, pode-se trazer como exemplo o jogo de queimada ou caçador, fortemente presente no cotidiano escolar, que em sua organização delimita os papéis e os poderes concedidos aos jogadores, os quais mudam conforme a hierarquia assumida no jogo. Ou seja, o “capitão” ou “base” detém maior poder do que qualquer outro jogador, com autoridade de decidir sobre a “vida” e a “morte” dos demais jogadores. Via de regra, o jogador que assume este papel é o mais habilidoso, o mais forte e com maior liderança, já aqueles que são escolhidos para “morrer” no início do jogo, representam os jogadores mais frágeis e menos habilidosos, e que dificilmente serão os escolhidos como “base”.

Para Soler (2006, p.20),

o que falta é uma postura é uma nova postura do educador, treinador, ou seja, das pessoas significativas na vida das crianças, pois sabemos que só haverá uma mudança se as pessoas que são significativas na vida das crianças mudarem a forma de oferecerem o jogo. Pois parece que, se falo de jogo, tenho que falar de competição, criado erroneamente uma relação de sinonímia entre as palavras.

A partir dessa exemplificação, entendemos que o jogo praticado nesta perspectiva reproduz e pode servir para reforçar desigualdades arraigadas no contexto social.

Dessa maneira, é possível garantir o papel da Educação Física no processo de escolarização, a qual tem, entre outras, a finalidade de intervir na reflexão do aluno, realizando uma crítica aos modelos dominantes. Intervenção esta que requer um exercício crítico por parte do professor diante das práticas que reforçam tais modelos. Exige, também, a busca de alternativas que permitam a participação de todos os alunos nas aulas de Educação Física.

Assim, as crianças e os jovens devem ter oportunidade de produzirem as suas formas de jogar e brincar, isto é, ter condições de produzirem suas próprias culturas, pois,

[...] o uso do tempo na infância varia de acordo com o momento histórico, as classes sociais e os sexos. Na nossa sociedade [...] ainda que por razões bem diferentes, independente das classes sociais a que pertençam, as crianças também não têm tempo e espaço para vivência da infância, como produtoras de uma “cultura infantil (MARCELLINO, 2002, p. 118).

Os trabalhos com os jogos e as brincadeiras são de relevância para o desenvolvimento do ser humano, pois atuam como maneiras de representação do real através de situações imaginárias, cabendo, por um lado, aos pais e, por outro, à escola fomentar e criar as condições apropriadas para as brincadeiras e jogos. Não obstante, para que sejam relevantes, é preciso considerá-los como tal.

Tanto os jogos quanto as brincadeiras são conteúdos que podem ser abordados, conforme a realidade regional e cultural do grupo, tendo como ponto de partida a valorização das manifestações corporais próprias desse ambiente cultural. Os jogos também comportam regras, mas deixam um espaço de autonomia para que sejam adaptadas, conforme os interesses dos participantes de forma a ampliar as possibilidades das ações humanas.

Segundo Soler (2006 p.37),

o professor deve utilizar e localizar em cada um desses conteúdos seus benefícios fisiológicos, psicológicos, sociais e suas possibilidades de utilização como instrumento de comunicação, expressão, lazer e cultura e construir uma nova proposta para a EFE, levando em conta todas as dimensões (cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social).

Torna-se importante, então, que os alunos participem na reconstrução das regras, segundo as necessidades e desafios estabelecidos. Para que os princípios de sobrepujança sejam relativizados, os próprios alunos decidem como equilibrar a força de dois grupos, sem a preocupação central na mensuração do desempenho.

Através do brincar (jogar) o aluno estabelece conexões entre o imaginário e o simbólico.

[...] as brincadeiras são expressões miméticas privilegiadas na infância, momentos organizados nos quais o mundo, tal qual as crianças o compreendem, é lembrado, contestado, dramatizado, experienciado. Nelas as crianças podem viver, com menos riscos, e interpretando e atuando de diferentes formas, as situações que lhes envolvem o cotidiano. Desempenham um papel e logo depois outro, seguindo, mas também reconfigurando, regras. São momentos de representação e apresentação, de apropriação do mundo (VAZ et. al., 2002, p. 72).

Almeja-se organizar e estruturar a ação pedagógica da Educação Física, de maneira que o jogo seja entendido, apreendido, refletido e reconstruído como um conhecimento que constitui um acervo cultural, o qual os alunos devem ter acesso na escola (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Nesta perspectiva, não se pode esquecer dos brinquedos que, no seu processo de criação, envolvem relações sociais, políticas e simbólicas que se fazem presentes desde sua invenção.

[...] os brinquedos não foram em seus primórdios invenções de fabricantes especializados; eles nasceram, sobretudo nas oficinas de entalhadores em madeira, fundidores de estanho etc. [...] O estilo e a beleza das peças mais antigas explicam-se pela circunstância de que o brinquedo representava antigamente um processo secundário das diversas indústrias manufatureiras (BENJAMIN, 1984, p. 67-68).

A construção do brinquedo era repleta de significados tanto para o pai, que o construía com as sobras de materiais utilizados em seu trabalho artesanal, como para a criança, que brincava com ele. Entretanto, com o desenvolvimento da industrialização, os brinquedos passaram a ser fabricados em grande escala, perdendo sua singularidade, isto é, tornando-se cada vez mais estranhos aos sujeitos inseridos nesta lógica de mercantilização dos brinquedos.

Assim, oportunizar aos alunos a construção de brinquedos, a partir de materiais alternativos, discutindo a problemática do meio ambiente por meio do (re)aproveitamento de sucatas e a experimentação de seus próprios

brinquedos e brincadeiras, pode dar outro significado a esses objetos e a essas ações respectivamente, enriquecendo-os com vivências e práticas corporais. Dessa maneira, como Conteúdo Estruturante da disciplina de Educação Física, os jogos e brincadeiras compõem um conjunto de possibilidades que ampliam a percepção e a interpretação da realidade, além de intensificarem a curiosidade, o interesse e a intervenção dos alunos envolvidos nas diferentes atividades.

Soler (2006 p.68) afirma que

a proposta não é acabar com o esporte competitivo, pois este sempre irá existir e é ótimo que continue existindo. Devemos, sim, criar alternativas que façam com que a criança tenha uma nova opção, tentando com isso humanizar a competição, que vencer não seja a coisa mais importante dentro do processo, uma questão de vida ou morte.

Jogos Cooperativos como Possibilidade

Segundo os pressupostos de SOLER (2001), a defesa de uma prática que aponte para os valores humanos relevantes e coerentes a ser desenvolvida nas aulas de Educação Física, devem partir do envolvimento do grupo relacionado à práticas cooperativas. A exigência por parte do professor representa uma forma de manipular a reprodução dos meios de dominação. É somente com valores cooperativos que avançaremos a uma ética nas relações interpessoais e educacionais dentro do espaço escolar (SOLER, 2001).

Podemos observar na prática pedagógica que quando o trabalho envolve todos os alunos da turma num objetivo comum, há a construção de um trabalho colaborativo entre todos os alunos, independente de seu desempenho motor, experimentando um evidente prazer na interação com o seu colega, reconhecendo suas potencialidades e a dos outros em todos os aspectos relacionados às atividades. Eles percebem nas atividades coletivas as características que privilegiam os aspectos cooperativos e valorizam nelas sua dinâmica, fato observado quando os alunos responderam às questões sobre suas preferências em relação às atividades desenvolvidas, verificando a

necessidade da presença dos princípios da cooperação, aceitação, união, comunicação e criatividade.

Estes jogos são estruturados para diminuir a pressão para competir e a necessidade de comportamentos destrutivos. Visam promover a interação e a participação de todos, e deixar aflorar a espontaneidade e a alegria de jogar (SOLER, 2006, p.55).

No desenvolvimento dos jogos cooperativos, os alunos passam a envolver-se completamente, embora houvesse ainda o interesse pela sua “nota” na participação; isto é um elemento cultural presente na realidade do processo educacional, importante para a discussão no processo de um ser consciente, pois as formas culturais não são impostas, elas vão sendo produzidas na própria prática diária. Ainda segundo Orlick (1978, p.19), “não ensinamos nossas crianças a amarem o aprendizado; nos as ensinamos a se esforçarem para conseguir notas altas”. A atitude participativa do aluno em cada atividade deve ser estimulada a partir de sua própria capacidade participativa.

Se no desenvolvimento do jogo for percebida a capacidade que ele e o outro tem de criar e, conseqüentemente, a troca de experiências, ambos poderão compreender a importância do jogo cooperativo para a formação do ser humanitário, através da participação, com divertimento e alegria. A propósito, diz Terry Orlick (1978, p. 4),

talvez, se alguns adultos mais destruidores de hoje tivessem sido, quando crianças, expostos ao afeto, aceitação e valores humanos que tento promover através dos jogos cooperativos, teriam crescido em uma outra direção. Se outros aspectos do seu ambiente tivessem também apoiado uma orientação mais positiva em relação à vida humana eles teriam adquirido maneiras alternativas e mais positivas de se relacionar com as pessoas e os problemas. À medida que as pessoas se tornarem mais sensíveis para com os sentimentos dos seus semelhantes e mais dispostos a cooperar para o bem comum, nosso planeta se tornará um lugar mais saudável e feliz de se viver, para todos nós.

Os princípios dos jogos cooperativos e os resultados que as atividades cooperativas podem alcançar são de grande relevância no que se refere à formação do ser humano como elemento ativo na transformação social, bem como, sua contribuição na formação de pessoas conscientes de sua responsabilidade no meio em que vivem. Somos competitivos porque aprendemos a sermos assim; e se é comportamento adquirido, podemos então aprender também a sermos cooperativos.

Considerações finais

O desenvolvimento de novas práticas de ensino, seja ela mais humanizadora, política ou tecnicista ou cooperativa, nos leva a desafios em vários aspectos, pois a capacidade de interação com os conteúdos da disciplina de Educação Física serem pautados por uma interação social e política, a qual repercute em conhecimento sobre as relações campo/cidade, estas incluem aspectos metodológicos que repercutem na formação de um ser integral e pensante.

Para que seja possível, a prática metodológica das atividades cooperativas tanto no campo como nas escolas urbanas, temos antes que tudo levarmos em consideração a realidade de cada espaço, que segundo a teoria de Paulo Freire, consiste em partir da realidade do sujeito, valorizando o conhecimento, sua cultura, o modo de vida.

Assim a questão fundamental é ver onde estamos trabalhando, qual a realidade, quem são os sujeitos, qual o conhecimento e como a Educação Física pode superar a concepção dicotômica de campo e cidade. O fundamental é trabalhar os JOGOS COOPERATIVOS a partir de fatos gerados de forma sistematizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Jader Denicol do. **Jogos cooperativos**. 2ª Ed. São Paulo, SP. Phorte, 2007

BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BROTTO, Fábio Otuzi, F. **Jogos cooperativos**: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar. 2ª ed. Re-novada. Santos SP, 1997.

BROTTO, Fábio Otuzi, F. **Jogos cooperativos**: o jogo e o esporte como exercício de convivência. Ed. projeto de cooperação. Santos, SP, 2001.

CASTELLANI, Lino. **Educação Física no Brasil**: A história que não se conta. 6. ed. Campinas SP: Papyrus, 1988.

Coletivo de Autores. **Metodologia de Educação Física**. São Paulo, SP. Ed. Cortez 1992.

CORREIA, Marcos Miranda. **Trabalhando com Jogos Cooperativos**. Papyrus Ed. 2ª edição, São Paulo, 2008.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes Professores fascinantes**. Rio de Janeiro RJ. Sextante, 2003.

PARANÁ, SEED. **DIRETRIZES CURRICULARES DA REDE PÚBLICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO PARANÁ**. Curitiba 2006.

PARANÁ. **Manual de Orientação para Produção de Objeto de Aprendizagem Colaborativa**.

GHEDINI, Maria Cecília. ONÇAY, Solange Teodoro Von. **Planejamento participativo e organização da ação pedagógica**. Apotila práticas pedagógicas em Educação do Campo, 2010

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

MIRANDA, Simão de. **Oficina de Dinâmica de Grupos**: Para empresas, escolas e Grupos comunitários. 12ª ed. Campinas SP: Papyrus, 2004.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição**. Círculo do Livro. São Paulo, SP. 1978.

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade. **Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas**. Ministério da Educação, Brasília, 2007.

SOLER, Reinaldo. **Jogos Cooperativos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

Educação Física: uma Abordagem Cooperativa. Rio de Janeiro. Sprint. 2006.

VAZ, A. F.; PETERS, L. L.; LOSSO, C. D. Identidade cultural e infância em uma experiência curricular integrada a partir do resgate das brincadeiras açorianas. In: **Revista de Educação Física**, v. 13, n. 01, Maringá: UEM, 2002,